

economista, aprecia o impacto econômico-financeiro dos incentivos fiscais que estabelecem. Vale a pena conhecer este impacto, assim como saber como trabalha o legislativo.

Cristina Bruschini, mais uma vez, ilumina com tabelas e análises a compreensão dos movimentos das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, na década de 1980, comparando duas regiões: Nordeste e Sudeste.

O livro contém, ainda, pronunciamentos de participantes do Seminário A Mulher no Mun-

do do Trabalho: em busca da igualdade, realizado em Brasília, em 1996.

Trata-se de leitura agradável e de uma referência para consultas, que poderão resultar em transformações positivas não apenas para mulheres, como também para outras categorias igualmente subalternizadas.

HELEIETH I. B. SAFFIOTI ■

Um enfoque inovador

O Salário da Liberdade: profissão e maternidade, negociações para uma igualdade na diferença.

ARDAILLON, Danielle.

São Paulo: Annablume, 1997.

O livro de Danielle Ardailon é um bom exemplo para aqueles que estão dando seus primeiros passos no caminho da pesquisa, no sentido de aprender como se faz. O livro reproduz tal qual sua dissertação de mestrado. A escrita na primeira pessoa, marcada por um tom pessoal - incomum na literatura acadêmica - é o estilo próprio da autora, que mantém um diálogo constante com a bibliografia que utiliza, com as suas entrevistadas e com o leitor.

Organizado em cinco capítulos, o primeiro explica as razões da pesquisa, contextualizando a elaboração das hipóteses a partir do processo de mudanças estruturais na posição das mulheres na sociedade brasileira, que se revelaram tanto no crescimento da taxa de participação da mulheres no mercado de trabalho como nas transformações ocorridas no campo da reprodução, por exemplo a drástica queda da taxa de fecundidade. Essas mudanças despertaram na autora o interesse em verificar se também as tradicionais divisões sexuais das tarefas no ambiente doméstico teriam sido afetadas, uma vez que o salário feminino, muitas vezes, não é considerado fundamental para o orçamento do-

méstico e grande parte das tarefas domésticas acabam sendo delegadas a outras mulheres.

Sua pesquisa privilegia as mulheres de classe média, que trabalham fora de casa e com pelo menos um filho. Justifica a escolha deste segmento social pelo "discurso modernoso" que reivindica dessas mulheres eficiência e sucesso, tanto no mercado de trabalho como na vida pessoal e familiar, colocando como desafio a conciliação do trabalho, do desejo de ser independente, com as exigências de constituir família, educar filhos, e o compromisso de construção de uma vida em comum com o parceiro.

Entre as dezesseis entrevistadas, há quatro mulheres negras. Cuidado que valoriza sua pesquisa, especialmente pela ausência de estudos que focalizem mulheres negras de camadas médias e com nível de escolaridade superior.

No segundo capítulo, as entrevistadas falam sobre suas relações com o trabalho e aqui surgem as primeiras pistas que levam o leitor a compreender o título do livro. O trabalho é visto por essas mulheres como "essencial" para o seu desenvolvimento pessoal, também para a relação conjugal e para a renda familiar, mas é principalmente valorizado por ser distinto do trabalho doméstico. O salário ganho pode não ser suficiente para garantir a independência financeira, mas ele é a ponte que poderia estabelecer a igualdade entre homens e mulheres; afinal, se ambos ganham, ambos deveriam dividir as atribuições domésticas. O dinheiro permite a individualização, ao tornar a pessoa responsável por si mesma; no caso destas mulheres, abre espaço para questionamentos em torno da lógica que estrutura as relações entre os casais, o que não necessariamente significa mudanças

concretas no cotidiano. O dinheiro ganha no estudo de Ardailon um enfoque inovador, ao destacar o valor simbólico que o "ganhar o próprio dinheiro" promove, não se restringindo, como em outros estudos, à renda ou ao salário.

Essas mulheres, profissionais e mães, organizam seu cotidiano entre o trabalho remunerado e a rotina doméstica. Diante das dificuldades em articular dois territórios com exigências distintas, buscam soluções no uso de novas tecnologias, como, por exemplo, o congelamento de alimentos, para poupar tempo. Ardailon nos fala disso no terceiro capítulo, entremeando com explicações de uma ex-professora de congelamento. Embora esse recurso não promova nenhuma alteração nos papéis de gênero, permite ao menos aliviar essas mulheres da rotina diária de correr ao supermercado e pensar no que fazer para alimentar a família, ou aliviar a empregada doméstica para que possa se dedicar mais aos filhos, tranquilizando a mãe que trabalha fora.

Ah, a maternidade! Mais um papel entre outros para serem vividos? Não para a autora, que examina no quarto capítulo as dimensões que essa "inter-relação dinâmica de indivíduo para indivíduo apresenta na vida doméstica". Afinal, ser mãe é a realização, mas é também o que desnorreia. O modelo cultural de maternidade, aquele de dedicação integral aos filhos e à casa, é fonte de angústia porque não se adequa às aspirações das mulheres e à rotina do trabalho profissional. Ao não romperem com a responsabilidade exclusiva pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os filhos - embora possam amenizar essas atribuições com a ajuda de empregados domésticos -, essas mulheres revelam, como a própria autora diz, a ambigüidade entre os valores que ostentam e os comportamentos que assumem. Se essas mulheres conquistaram seu espaço no âmbito público, com direitos e deveres iguais a todos os indivíduos, o mesmo não podemos dizer do do-

mínio privado. Aqui, como Ardailon destaca, os "direitos e deveres são tudo menos iguais àqueles dos indivíduos masculinos com os quais elas dividem suas vidas afetivas e sexuais" (p. 147).

Essa constatação inspira, no quinto capítulo, as críticas da autora ao individualismo e à repressão do contrato sexual, e suas reflexões teóricas sobre os conceitos de diferença e autonomia, e de igualdade e liberdade, a partir dos argumentos de Carole Pateman¹. Este capítulo explora as concepções dessa autora e alerta para a armadilha na qual a igualdade jurídica pode nos enredar, camuflando a desigualdade social e a privada.

Contudo, há uma questão que deixo para ser avaliada pelos leitores. Os argumentos apresentados neste último capítulo parecem enfatizar a subordinação das mulheres como algo dado, e que poderíamos interpretar como uma unilateralidade nas relações entre homens e mulheres. Ora, mesmo sendo os contratos (de emprego, de casamento, de prostituição) elaborados por uma maioria masculina, e que presumem o consentimento, como Ardailon mesmo observa, esses contratos pressupõem também a possibilidade de rompimentos, de resistências, de redefinição dos critérios. As mulheres, profissionais, mães, anônimas neste livro, são as vozes ativas dessa possibilidade, cujo cotidiano é permeado por pequenas rupturas.

É preciso salientar que o livro de Danielle Ardailon e as questões que suscita fazem acreditar na importância e na necessidade de pesquisas sobre o domínio privado, principalmente porque, passados dez anos após as falas dessas mulheres, a desigualdade de gênero é ainda um fantasma a ser exorcizado.

¹ PATEMAN, Carole. *The Sexual Contract*. Stanford: Stanford University Press, 1988. (Existe edição em português pela Paz e Terra.)